

25 ANOS DO PROGRAMA

RECORTES NO TEMPO DA MEMÓRIA

*Estefânia Knotz C. Fraga**

Podemos mesmo perguntar se a ligação que o narrador tem com sua matéria – a vida humana – não é ela própria uma relação artesanal. Se a sua tarefa não consiste, precisamente, em trabalhar a matéria-prima das experiências – as dos outros e as suas próprias...

Walter Benjamin
*Sobre a técnica, linguagem e política***

Em 1997, por ocasião da comemoração dos 25 anos de funcionamento do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, foi-me sugerido que registrasse num texto parte de minhas lembranças, pois venho acompanhando o Programa desde aquela época. O ideal seria que no texto aparecessem, entrelaçadas às minhas, as lembranças de algumas pessoas que, como alunos e professores, participaram das atividades do Programa desde a década de 70.¹

Walter Benjamin, no pequeno texto intitulado “Escavando e recordando”, lembra que

* Professora do Departamento de História da PUC-SP.

** Benjamin, W. *Sobre a técnica, linguagem e política*. Lisboa, Relógio D’Água, 1992

¹ Alguns alunos daquele período são hoje professores do Programa de Pós-Graduação em História, como Yara Aun Khoury, Márcia D’Alessio e Marina Maluf. Ilana Blaj, também aluna das primeiras turmas, é atualmente docente na USP. Maria Rosário da Cunha Peixoto defendeu seu mestrado no Programa, na década de 80, e foi recentemente integrada ao corpo docente do Pós. professores que hoje trabalham em outros Programas do Setor de Pós-Graduação da PUC-SP, como Paulo Rezende e, em particular, pela sua efetiva colaboração nos anos iniciais do Pós em História, Luís Eduardo Wanderley. Outra presença marcante no Programa foi Holien Gonçalves Bezerra, a partir da década de 80. Lembraria, ainda, Maurício Tragtemberg, Helena Fanganiello, Elias Tomé Saliba e Maria Inês Borges Pinto.

a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. (...) e certamente é útil avançar em escavações segundo planos.²

Procurando praticar da melhor forma possível a arte e a ciência da arqueologia no campo da memória, e sensível aos múltiplos planos, nos quais imagens, artefatos mentais de minhas lembranças, vão se revelando, continuo a escavar, como nos lembra Benjamin, naquele texto, “de forma cautelosa e tateante”. E ao fazer o inventário dos achados, pessoas, lugares, objetos, sensações, cores, cheiros e ruídos, percebo que os sentimentos constituem a liga do solo da memória e é essa argamassa, essa “terra” de natureza especial, que envolve os objetos, os espaços e os seres de minha evocação.³

Ao produzir o relatório arqueológico dos meus achados, o reencontro com algumas pessoas está densamente carregado de emoção. Entre tantas pessoas que habitam o espaço virtual da minha memória, algumas perpassam sempre, e com a mesma intensidade, todos os planos, sem que o tempo da lembrança lhes altere a qualidade das imagens que se apresentam no ato da evocação. Mesmo sabendo que a memória não é apenas uma recapitulação do passado, na medida em que ela é também produzida, mas é um modo de narrá-la, algumas pessoas, como Yvone Dias Avelino, companheira de trabalho desde os primeiros dias do Pós-Graduação, se inscrevem na escritura da lembrança sem que o tempo altere a nitidez do texto. E como não registrar a experiência de convívio com Déa Ribeiro Felonon, nos últimos 25 anos, partilhando projetos, discutindo pesquisas, propondo caminhos para o Pós-Graduação. É uma pessoa que no ato da rememoração se apresenta em imagens que contêm a percepção atual que tenho dela, como se o tempo da lembrança lhe atribuísse sempre as mesmas qualidades.

Enfim, para produzir um texto que trouxesse recortes de lembranças, quais pessoas procurar, entre tantas – lembrando inclusive os antigos funcionários do Pós-Graduação em História⁴, à época em que o Setor se abrigava nas salas construídas no corredor

2 Benjamin, W. *Obras Escolhidas II*. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 239.

3 Coimbra, J. C. *Considerações acerca do tempo da memória e esquecimento*. São Paulo, Cone Sul, 1997, p. 24.

4 Participaram do meu exercício de rememoração, dando-me depoimentos, além de Ir. Leda Maria Pereira Rodrigues, Ir. Valdete Contin, Maria Inês Neves de Oliveira, do setor de credenciamento do Pós-Graduação e Angelino Bispo Araújo, antigo funcionário que me ajudou a reconstruir a cartografia do lugar conhecido como “Ferradura”, onde se instalaram os primeiros cursos de Pós-Graduação na PUC-SP. As entrevistas foram realizadas entre setembro e novembro de 1997.

entre a rua Monte Alegre e Cardoso de Almeida, um espaço que conquistamos, graças ao empenho e a iniciativa de Joel Martins, o primeiro Coordenador Geral do Pós-Graduação (e “fundador” de quase todos os Programas do Pós atual). Henri Bergson auxiliou-me na decisão da escolha, quando afirma que algumas lembranças são dominantes, “verdadeiros pontos brilhantes em torno dos quais” os demais dão a sensação de gravitar.⁵ E que se supusermos

uma infinidade de repetições possíveis da totalidade de nossas lembranças, cada um desses nossos exemplares de nossa vida transcorrida será cortado, à sua maneira, em fatias determinadas, e o modo de divisão não será o mesmo, se passarmos de um exemplar a outro, porque cada um deles é precisamente caracterizado pela natureza das lembranças dominantes, nas quais as outras lembranças se encostam como em pontos de apoio⁶.

A leitura daquele trecho de Bergson me ajudou a localizar em Ir. Leda Maria Pereira Rodrigues a imagem dominante neste texto em torno da qual as demais tendem a gravitar. O outro recorte, uma espécie de “viagem em busca das origens”, tenta imprimir no texto algumas impressões pessoais sobre lugares e pessoas com as quais convivi, companheiras de trabalho, desde 1972, quando o Programa foi criado, e hoje continuam, como funcionários ou docentes, presentes no cotidiano do Setor de Pós-Graduação.

Uma cônica na cátedra

Madre Maria Ângela, cônica regular da Ordem das Agostinianas, era figura marcante nos corredores e salas de aula da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae. No inverno e em certas ocasiões que exigiam um traje mais sóbrio, usava o hábito preto que provocava em mim uma sensação de fragilidade, pois eu tinha a

5 *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 140.

6 “Escolher uma lembrança no passado não consiste de maneira alguma (...) em penetrar na massa de nossas lembranças cada vez mais aproximadas, entre as quais irá aparecer a lembrança a localizar. Por que feliz acaso colocaríamos a mão justamente sobre um número crescente de lembranças intercalares? O trabalho de localização consiste, em realidade, num esforço crescente de expansão, através do qual a memória, sempre presente por inteiro nela mesma, estende suas lembranças sobre uma superfície cada vez mais ampla e acaba por distinguir assim num amontoado até então confuso, a lembrança que não encontra seu lugar”. Idem, *ibidem*.

sensação de que aquela vestimenta realçava a sua figura altiva e seu olhar penetrante, perspicaz e que eu acreditava ser capaz de ler, no fundo da alma de todas as alunas da Faculdade⁷, os segredos, os sonhos e, sobretudo, como mestra rigorosa e exigente, a nossa ignorância em relação ao ofício de historiador.

No verão, quando usava o hábito cinza, mais leve e apropriado à estação, Ma Mère, como a chamávamos, dava a impressão de se tornar mais acessível, menos severa, e seu sorriso surgia com mais frequência no rosto de traços bem definidos que traduziam a personalidade de uma pessoa segura de si, confiante na sua experiência, como docente e pesquisadora. Caloura em 1960, aprendiz de historiadora, buscava na oficina de Ma Mère os conhecimentos e instrumentos que me permitissem o exercício da atividade da pesquisa e que, sob sua orientação, se revela não apenas um mero trabalho de buscar e descobrir “as coisas antigas”, mas uma fascinante aventura de ler a reescrita do ontem na dimensão do nosso hoje.

No arquivo do Estado de São Paulo, na época localizado na Rua Maria Antonia, próxima à rua Marquês de Paranaguá, onde ficava a Faculdade, Ir. Leda nos dava aulas de pesquisa histórica, disciplina que ela, pioneiramente, introduziu no currículo do curso de História do Sedes Sapientiae.⁸ Entre coleções de jornais, revistas, latas de documentos manuscritos, realizávamos, sob a orientação de Madre Maria Ângela, os primeiros ensaios de produção histórica.

Madre Maria Ângela, nome que adotou ao ingressar como religiosa nas Cônegas de Santo Agostinho (iniciou o noviciado junto às Cônegas, no colégio Des Oiseaux), nasceu em São Paulo, em 1919, registrada como Leda Maria Pereira Rodrigues. Realizou seus estudos em São Paulo, graduando-se em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, em 1940. No depoimento que Ir. Leda me concedeu, em fins de 1997, ano em que o Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP comemorou os seus 25 anos de existência, falou-me um pouco sobre as origens do Sedes Sapientiae. O Instituto que deu origem à Faculdade ocupava, em 1932,

7 Em 1959, quando foi aprovada a criação do curso de Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, estavam matriculadas 819 alunas, sendo 105 bolsistas. Informação fornecida por Ir. Leda e que remete a quem se interessar por material sobre a Faculdade, a consulta aos Anuários da F.F.C.L. Sedes Sapientiae. Em 1960, ano em que ingressei na Faculdade, possivelmente o número de alunas era um pouco maior, pois em 1961 (e Ir. Leda forneceu-me o dado) havia 877 alunas.

8 Depoimento de Ir. Leda complementado por informações fornecidas por Ir. Valdete Contim.

ano de início de suas atividades, algumas salas do colégio Des Oiseaux, onde professores da USP ministravam aulas no curso de Ciências, Letras e Filosofia.

No depoimento, Ir. Leda lembrou o trabalho realizado pelas Cônegas de Santo Agostinho, na educação feminina, desde 1907, quando chegaram ao Brasil as primeiras religiosas e que compraram do Sr. Fábio Uchoa o terreno situado entre as ruas Caio Prado, Augusta e Marquês de Paranaguá, onde foi construído o colégio Des Oiseaux. Era um colégio voltado para a educação de moças de famílias de classe média alta e, naquele local, com a regulamentação da criação de cursos superiores no País, a diretora do Colégio Mére Sta. Ambroise, funda, em 1933, o Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, para possibilitar a continuidade dos estudos de suas alunas. Desse modo, nasce a Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae, reconhecida oficialmente como Faculdade Livre, pelo decreto nº 1668, de 1937. Em 1941 é lançada a pedra fundamental do prédio da Faculdade, projetado pelo arquiteto Rino Levi, na rua Marquês de Paranaguá e, em 1946, o Sedes Sapientiae torna-se Faculdade agregada à Universidade Católica de São Paulo, sendo incorporada, definitivamente, em 1971.⁹

Madre Maria Ângela – Ir. Leda, como a conhecemos hoje – fez parte, portanto, das primeiras turmas formadas pelo Sedes Sapientiae. Em 1952, concluiu um curso de especialização na Université Catholique de Paris, onde apresentou a monografia “A influência da cultura francesa no Brasil” e, em 1953, na Universidade de Coimbra, obteve outra especialização. Em 1955 obtém o título de Mestre pela Universidade de Lovaina, na Bélgica, defendendo uma dissertação sob o título *A Maçonaria no Brasil – séc. XIX. Prudente de Moraes na Imprensa da Época* foi o título de sua tese de doutorado, defendida na F.F.C.L. Sedes Sapientiae, em 1958.

Conhecendo o empenho e entusiasmo de Ir. Leda em relação à pesquisa histórica – gerações de alunos passaram por sua orientação, tanto na graduação como no Pós-graduação (Yara Aun Khoury e eu tivemos esse privilégio) – não seria de estranhar que o título de sua tese de doutorado já expressasse o trabalho com as fontes, no caso a imprensa. Entretanto, o trabalho de investigação fundado em jornais não era um procedimento comum na época, e como me revelou Ir. Leda, sua tese, nesse particular, “foi ousada e pioneira”.

Contudo, sua ousadia e pioneirismo não se esgotariam naquele momento. Além de criar na Faculdade a disciplina Pesquisa Histórica, ministrada no Arquivo do Estado de

9 Idem, *ibidem*.

São Paulo (na década de 50 e 60, era a única Faculdade de História que tinha essa disciplina), em 1960 prestou concurso para provimento da Cátedra de História do Brasil, na F.F.C.L. Sedes Sapientiae, defendendo a tese *A Instrução Feminina em São Paulo*.

Lembro-me perfeitamente do cenário. No palco do teatro da F.F.C.L. Sedes Sapientiae – o teatro do Sedes (TESE) – acomodavam-se de um lado, Hélio Vianna, Pedro Calmon, Aureliano Leite, Alexandre Corrêa e Plínio Corrêa de Oliveira. Do outro lado do palco, à esquerda da platéia, estava Madre Maria Ângela trajando o hábito preto, pois a ocasião era solene. Os membros da Banca Examinadora usavam becas que lembravam aquelas usadas por acadêmicos das universidades tradicionais européias.¹⁰

Sentada entre o público – e todos os lugares do teatro estavam ocupados – não me parecia que Ma Mère, como a chamávamos, se sentisse intimidada com o peso da Banca, diante da qual deveria defender a sua tese para provimento da Cátedra de História do Brasil da primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras criada no Brasil, a Sedes Sapientiae, como diria Hélio Vianna no prefácio do livro *A Instrução Feminina em São Paulo*, publicação da tese que ela, naquela ocasião, defendeu recebendo “aprovação das mais distintas” e passando a ocupar a vaga aberta pelo falecimento de Afonso d’Escragnole Taunay. Aliás, Ir. Leda lembra no seu depoimento que partiu do professor Taunay a sugestão e o incentivo para realizar uma pesquisa sobre a mulher, “a grande ausente da História do Brasil e de São Paulo”.¹¹

A autora, com o título “Apresentando” – e todos aqueles que foram ou são alunos e orientandos de Ir. Leda lembram como ela recomenda começar a tese ou dissertação dessa forma – sintetiza a proposta da pesquisa: trazer

10 Caloura em 1960, possivelmente não compreendia totalmente o significado daquela cerimônia acadêmica.

A minha experiência escolar ainda tinha como referência o curso científico realizado (sempre como bolsista), no Colégio Nossa Senhora do Rosário, e minha experiência de trabalho, que começara aos 15 anos, passava pelo laboratório de química de uma fábrica de tijolos refratários, uma breve passagem pelo escritório de uma loja de roupas, aulas particulares e o setor de câmbio de um banco. Marcou-me muito o ritual daquela solenidade, o clima de debate, a fala dos “grandes nomes” da intelectualidade da época. Tanto que, anos depois, quando defendi meu doutorado na mesma Faculdade, fiz algumas ressalvas para apresentar a defesa da minha tese e que foram atendidas por Ir. Leda, minha orientadora: não vestir beca, nem defender a tese no palco do teatro do Sedes.

11 Leda Maria Pereira Rodrigues. *A instrução feminina em São Paulo*. Escolas Profissionais Salesianas. São Paulo, 1962.

“subsídios (...), apontamentos, respingados em documentos coevos...” e que relatem “a vida cotidiana (...) de figuras de mulher, desconhecidas, a maioria delas, mas heroínas, porque abnegadas na ingrata missão de educadores”.¹²

No livro, as mulheres – educadoras leigas e religiosas – surgem como figuras muitas vezes fortes, críticas e inovadoras. O registro de seu trabalho como professoras, empenhadas na educação feminina, é recolhido por Ir. Leda em documentos no Arquivo do Estado, na Cúria Metropolitana de São Paulo, no Arquivo do Seminário das Educandas, em São Paulo e, em Itu, no acervo documental do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio e do Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês (para citar apenas alguns locais onde a pesquisa foi realizada). Nos fragmentos recolhidos aparece, por exemplo, Benedita da Trindade e Lado de Christo, a primeira professora pública da Província de São Paulo que, em 1828, preencheu a cadeira de letras para o sexo feminino e “contrariando a mentalidade tacanha da coletividade que a circunda, abnegada e persistente, insiste, teima, consegue das autoridades provinciais que as prendas domésticas sejam ensinadas nos lares, pois é escasso o tempo na escola para a aprendizagem das primeiras letras” na escolinha da Sé¹³. Consultando no Arquivo do Estado de São Paulo os maços de Instrução Pública, Ir. Leda encontra resquícios do cotidiano vivido pelas professoras de primeiras letras para moças no Império. Em 44 cidades e vilas elas deixaram as marcas de seu trabalho pioneiro¹⁴, e que foi recolhido na pesquisa a partir da leitura dos relatórios e ofícios que elas enviavam à Inspetoria da Instrução Pública. Por exemplo, no relatório das professoras Isabel Fragozo, em 1854, Inácia Flora da Silva Santos, de Piracicaba, em 1853, e Maria da Conceição Barbosa, de Taubaté, em 1852, são feitas referências (e queixas) em relação aos locais onde eram instaladas as salas de aula para moças, geralmente “em pequenos cômodos nas casas dos professores, ou em autênticos pardieiros emprestados por algum particular ou mesmo algum alpendre alugado pelo governo”, sendo assim a escola a “mais ordinária possível: pequena, suja e de assoalho podre”¹⁵. Relatam também as professoras a ausência de móveis e utensílios para o funcionamento da escola, como consta no relatório da professora Felícia Puiggari Sola

12 Ibidem, p. 12 e 13.

13 Ibidem, p. 12.

14 Ibidem, p. 72.

15 Ibidem, p. 103.

que, em 1884, reclama da dificuldade de “seguir o programa estabelecido por ausência de material técnico, sendo as noções de geografia muito elementares, por não haver mapas”.¹⁶

Os exames a que se submetiam as candidatas para provimento de uma vaga são também revelados na pesquisa, e alguns momentos se destacam quando, por exemplo, Ir. Leda trabalha a documentação referente à forma de realização dos exames: em São Paulo, diante de uma banca formada por bacharéis da Faculdade de Direito e clérigos, e, nas vilas, o concurso era realizado na Câmara dos Vereadores¹⁷. Os critérios para aprovação envolviam a avaliação das qualidades morais da candidata, assim como a aparência física. A autora chama a atenção para a insistência

com que tanto os inspetores de distrito, como os fiscais da Câmaras, o Inspetor Geral e os Presidentes de Província, insistiam em que as professoras se dedicassem com esmero e cuidado ao ensino dos trabalhos de agulha.¹⁸

A pesquisa realizada por Ir. Leda sobre a instrução feminina em São Paulo chamou a atenção na época para a falta de estudos sobre a mulher e, particularmente, a investigação sobre o ensino feminino no Império (embora a autora trabalhe também com material arquivístico e bibliográfico para estudar os conventos coloniais paulista e o ensino que ali era ministrado às moças). A partir de um sólido suporte documental (a maioria das fontes trabalhadas são manuscritos), a autora revela o que era considerado educação feminina na época, quando, por exemplo, trabalhando o conteúdo dos relatórios e cartas escritas pelas professoras às autoridades de ensino da época, encontra registros que relatam atitudes de pais de meninas pobres que as retiram da escola antes do término do curso por considerarem que o estudo era desnecessário, bastando que aprendessem o desempenho das atividades domésticas¹⁹. Mas, nessa mesma época, meni-

16 Ibidem, p. 104.

17 Ibidem, p. 81.

18 Ibidem.

19 Benedita da Trindade conseguia dispensar suas alunas dos trabalhos manuais, entretanto, periodicamente é citada como mestra que “não cumpre exatamente suas obrigações e que há apenas tolerância para essa exceção”. O mesmo não sucede à Profa. Maria da Glória do Sacramento, da primeira cadeira do sexo feminino em Bragança que, “por não ter desempenhado um dos deveres qual o de ensinar prendas domésticas, não está habilitada a perceber o seu ordenado”. In: Rodrigues, Ir. Leda Maria Pereira, op. cit., p. 83.

nas pertencentes a famílias abastadas eram educadas por “professoras particulares estrangeiras (...) em geral, a mestra era uma *mademoiselle*, que ministrava conhecimentos de francês e não raras vezes de alemão, língua então muito apreciada no Brasil”²⁰.

Outra marca de ousadia de Ir. Leda, que defendeu uma tese sobre a mulher diante de uma banca exclusivamente masculina, foi introduzir como fonte depoimentos de senhoras, já idosas na época da realização da pesquisa mas, segundo Ir. Leda, muito lúcidas e que lhe forneceram informações sobre o ensino ministrado às moças em princípios do século, relatando suas experiências na escola. Ainda utilizando a técnica da entrevista – (e que na defesa da tese causou polêmica quanto a se considerar o material assim obtido como fonte histórica) – obteve, com pessoas pertencentes a antigas famílias paulistas, materiais (boletins de avaliação de alunos, cadernos, compêndios, etc.) e informações sobre o ensino feminino no final do Império e princípios do século XX.

* * *

Quando me propus a registrar num texto alguns fragmentos de lembranças, procurei na minha estante o livro publicado por Ir. Leda e que se originou da tese por ela defendida em novembro de 1960. O fundo azul da capa realça as letras brancas do título: *A Instrução Feminina em São Paulo*. A escrita, o estilo da redação, a ortografia são sinais do texto que remetem ao final da década de 50 e início dos anos 60. O papel usado para a impressão se faz sensível ao tato sem, contudo, ser áspero, e a impressão é uma referência aos recursos da gráfica das Escolas Salesianas que editou o livro. A percepção desses indícios me fez recordar um trecho de um texto de Gaston de Bachelard, *A Poética do Espaço*, quando o autor se refere ao cofre como o lugar onde “estão as coisas inesquecíveis; inesquecíveis para nós, mas também para aqueles a quem daremos os nossos tesouros. O passado, o presente, um futuro nele se condensam (...)”.²¹ Essa imagem, a do cofre, e a sensível leitura de seu significado feita por Bachelard impregnaram o livro publicado por Ir. Leda e, à medida que eu o folheava, percebi que as suas folhas guardam o registro de um paciente e competente trabalho de investigação histórica, mas nelas também se pode ler a experiência vivida pelo pesquisador de depositar na pesquisa a esperança da possível contribuição do presente ao futuro.

20 Idem, *ibidem*, p. 98.

21 Bachelard, G. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 97.

A releitura daquele livro trouxe-me também a sensação de estar realizando uma viagem no tempo da memória. À medida que folheava o livro foi ficando mais nítido o sentido de pertencimento a um tempo de múltiplas vivências compartilhadas: nos anos 60, a lembrança das salas de aula da Faculdade, na Marquês de Paranaguá, os professores, os colegas, a experiência de ser bolsista (e devo à Ir. Leda a oportunidade de realizar meus estudos), a formatura no palco do Teatro Municipal, o início da minha experiência docente na disciplina Pesquisa Histórica, ainda no Sedes Sapientiae e a defesa de minha tese de Doutorado, numa sala de aula, sem beca e sem palco.... A partir de 1970, a mudança para o campus Monte Alegre se torna o espaço onde se agregam as imagens que construo no exercício de rememorar: o desafio de, juntamente com Ir. Leda, organizar na PUC o Departamento de História e implantar o Programa de Pós-Graduação em História.

A história na “ferradura”

Em março de 1972, através de ato assinado pelo então Reitor Oswaldo Aranha Bandeira de Mello, o Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP inicia suas atividades com os primeiros 35 alunos. A maioria, ex-alunos da universidade, mas também professores do Departamento de História em busca da titulação em vista de regras que definiam o processo de reestruturação da PUC e a implantação da carreira universitária.

No corredor que (ainda hoje) dá acesso à Rua João Ramalho, numa saleta pequena, se instalava, naquele ano, a Coordenação do Programa. A comunicação era fácil entre os Programas vizinhos, alocados em saletas idênticas, no mesmo corredor: Psicologia da Educação, Ciências Sociais, Filosofia da Educação, Língua Portuguesa, Lingüística... Muita solidariedade e colaboração de todos em transmitir ao Programa noviço a experiência acadêmica e administrativa do Pós-Graduação. As salas de aula, umas enfileiradas no corredor que dá acesso à Rua Cardoso de Almeida e outras (2 ou 3), mais privilegiadas, ficavam praticamente junto à Secretaria e à Biblioteca do Pós-Graduação, no lugar conhecido como “Ferradura”. Todo esse conjunto de salas dava para um pátio central, com um pequeno jardim, onde uma espécie de obelisco de concreto, imitando uma torre, de aproximadamente 2 metros de altura, servia como marco de referência do local. A pequena torre não tinha a força simbólica da Cruz no Pátio interno do “Prédio Velho”, o Pátio da Cruz, onde ficavam (e ainda estão) as salas do Departamento

de História, mas deve ter significado algo, pois para mim se transformou em imagem, marcando e referenciando a lembrança. Naquele pátio, por exemplo, comemoramos, com um coquetel, os primeiros credenciamentos, para orgulho dos coordenadores e da Maria Inês, secretária que tratava da montagem e encaminhamento do processo de todos os Programas (numa máquina de escrever que ainda nem era elétrica...). E assim também foi montado e enviado para Brasília o processo do Programa de História, credenciado em 1976.²²

Do departamento veio a professora Ivone Dias Avelino para ajudar a implantar o Programa. Ir. Leda Maria Pereira Rodrigues, também do Departamento de História, recebera, em meados de 1971, o convite do professor Joel Martins, Coordenador Geral do Pós-Graduação, para apresentar o projeto de um Programa em História do Brasil. Ir. Leda, por sua vez, convenceu-me a enfrentar o desafio. Naquele momento ainda não se trabalhava com Linhas de Pesquisa, orientação mais recente da Capes.

Trabalhávamos os temas de pesquisa e os conteúdos programáticos nas disciplinas com certa cautela, pois os anos 70 marcaram um período de intensa repressão política (de 1969 a 1973, Costa e Silva foi substituído pela junta militar e em seguida assumiu Médici). Os “temas perigosos”, os “livros vermelhos”, os professores suspeitos, os alunos (talvez agentes infiltrados do SNI, DOPS...), a escuta telefônica, o desafio das reuniões (eram proibidas), havia todo um clima que nos fazia sentir a presença da censura e da repressão nos corredores e nas salas de aula. Desconfiávamos de estranhos nesse “nosso” recinto. Persistíamos, contudo, na perspectiva de continuar a desenvolver um projeto, já em andamento na Graduação, sobre o movimento operário na República. Por precaução, o projeto era denominado, genericamente, “Classes Sociais no Brasil República”. Sob esse título trabalhava-se o material do Arquivo do Estado de São Paulo, sobretudo os jornais. As notícias sobre os primórdios do movimento operário no País (em particular, São Paulo), desde os fins do séc. XIX, eram compiladas em folhas de fichário, hoje guardados no Cedec por iniciativa da professora Yara Aun Khoury, que para lá levou não só aquele material, mas outros documentos que formavam, originalmente, o Núcleo de Pesquisa do Programa de História²³.

22 Maria Inês (a quem agradeço, *in memoriam*, o depoimento que me concedeu) lembrou que o nosso processo para credenciamento do Programa enviado à Capes foi perdido, o que nos obrigou a fazer tudo de novo.

23 Nesse Núcleo, sediado numa sala do Programa, no 4º andar do Prédio Novo, a Profa. Yara defendia a idéia de um Centro de Documentação na Universidade e assim o Cedec se faz presente na trajetória

Nos anos 70, a estrutura curricular do Programa de História refletia muito a preocupação com a explicação econômica, política e, em particular, sociológica. E essas ciências do social se fizeram presentes, naquele início, com os professores Helena Fangiello, Paulo Edgard Rezende, Maurício Tragtemberg e Luis Eduardo W. Wanderley. Representou essa fase um momento da nossa trajetória de historiadores buscando o diálogo com outras ciências e significou uma experiência que nos permitiu definir com mais clareza o caminho do fazer do historiador. Nesse processo, a professora Déa Ribeiro Fenelon foi (e continua sendo) uma presença marcante, mesmo no período de sua ausência lecionando na Unicamp. Depois, na ordem de chegada, Yara Aun Khoury, de volta do Líbano, assumindo a vocação pela pesquisa e docência, Ir. Leda, agora realmente presente no Programa, após cumprir o mandato de Vice-Reitora Administrativa da Universidade. Na década de 80, o programa conheceu o entusiasmo e a competência do professor Holien Gonçalves Bezerra, além de Elias Tomé Saliba, Márcia Mansor D'Alessio e Antonieta Antonacci que, nessa ordem, foram coordenadores do Programa desde 1986.

Em 1985, no processo de reestruturação do Programa, os projetos de pesquisa em andamento indicavam duas linhas de Pesquisa: História das Ideologias no Brasil e História dos Movimentos Sociais no Brasil. A estrutura curricular do Programa definiu-se em função dessas linhas, apoiando e instrumentalizando as abordagens e a construção da reflexão teórica.

Em 1990, no processo de credenciamento (pelas normas da Capes, a avaliação dos Programas é feita a cada cinco anos), revelam-se as atuais (1995) linhas de pesquisa: Cultura e Cidade, Cultura e Ideologia, Cultura e Representação, refletindo as preocupações, as indagações e buscas temáticas presentes nos projetos de pesquisa em andamento no Programa. Colocava-se também, naquele momento, um novo desafio: a introdução do Doutorado no Programa... um desafio credenciado em 1994, motivo de orgulho para todos os docentes e, em particular, para a Coordenadora Maria Antonieta Antonacci.

do Programa de História. O acervo cresce e vários projetos de pesquisa, desenvolvidos por professores e alunos do Programa, nele se alocaram.